

## O governo vence as dificuldades iniciais e atinge a maioria

Márcio Garcia Vilela \*

Não contribuí com o meu insignificante voto de cidadão para a eleição do presidente Collor. Quem se sente em situação de não opção — foi o que aconteceu —, desalentado, deixa de exercer seu direito de cidadania. Ouvi — e depois li — atentamente seu discurso de posse. Belíssima peça, não só pela forma mas também pelo conteúdo. Merece figurar entre os melhores pronunciamentos da história republicana. Todavia à oratória se seguiu tudo o que nossa memória, ainda viva, registrou, para a profunda decepção dos que creram ou dos que, embora céticos, desejavam acreditar, até por falta de alternativa.



Passado mais de um ano de mandato tumultuado, de desencontros, acusações nem sempre justas, bate-bocas infundáveis na área econômica, confrontações ingênuas que, muitas vezes, beiravam a infantilidade, o governo começou a ganhar a sua maioria. Jogou ao mar, parcialmente, uma carga pesada, mudou a postura, voltou às diretrizes firmadas no compromisso de posse e trocou o comando da economia.

Penso que estou à vontade para reconhecer o avanço conseguido, graças sobretudo ao nível de amadurecimento que o chefe da Nação tem experimentado. Tudo isso é gratificante e encorajador. Embora não tendo o privilégio de conhecer pessoalmente o presidente da República, fico-me a impressão de que Sua Excelência errou mais pelo desejo precipitado de acertar, buscando resultados que, ao contrário do que supunha, exigem não só coragem e determinação mas reflexão, serenidade na análise, capacidade de ter paciência e disposição de esperar e ser perseverante. Se a tudo isso se acrescentar uma equipe — não quero entrar na avaliação de suas decantadas intenções — inexperiente, às vezes medíocre, outras arrogante e auto-suficiente, com pequena dimensão para enfrentar os gigantescos desafios da hora e ter-se-á, possivelmente, algum tipo de explicação para os desastres cometidos.

Tudo passado, felizmente, é preciso agora apoiar o presidente, que já tem a seu favor, pelo menos, dois decisivos fatores:

1) A ampla discussão que acabou promovendo sobre o Brasil e seu futuro, na busca obstinada da modernidade.

É certo que o panorama internacional o tem ajudado muito; porém de nenhum modo lhe retira o mérito de ter-se empenhado em acompanhá-lo e estender-lhe o "substratum" mais profundo. Temas que, em passado ainda

recente, as pessoas bem pensantes podiam levantar, não obstante se sentissem desestimuladas porque o ambiente — sobretudo aquele mantido pelas minorias atuantes — não lhes permitia fazê-lo. Há bem pouco tempo, quem se arriscasse a falar em privatização da Petrobrás — penso, a propósito, que o caso não é de privatização, mas de quebra do monopólio — estaria lançado à execução pública, como se patriotismo se confundisse com a existência de uma estatal do petróleo. E por aí vão-se abrindo picadas para ventilar melhor a inteligência nacional e situar o Brasil mais contemporâneo do mundo.

2) A reviravolta notável da política econômica. Aqui, a maturidade alcançou a plenitude. Retiramos o Brasil do isolamento internacional a que o confinaram, estamos rapidamente desautarquizando nossa economia, recuperamos aos poucos a confiança estrçalhada, renunciemos expressa e verdadeiramente à magia das fórmulas extravagantes, entregamos a um grupo de profissionais conscientes, de visível competência, a gerência econômica, mantemos a inflação sob controle, ainda que com fúria selvagem, mas contrariando os cavaleiros do apocalipse, enfim e em uma palavra: conseguimos respirar.

Se o governo pavimentar sua ação política com o apoio indispensável, para, através dele, obter aprovação às reformas de que não pode prescindir, o brilho da luz no fim do túnel adquirirá cada vez mais intensidade e o Brasil será outro.

Dai, convém não conferir à inflação de janeiro significado maior do que tem. De fato, sua evolução nada teve de extraordinário. Ao contrário, foi compatível com determinados fatos relevantes que, todos sabiam, iriam pressioná-la, tais como reajustes de preços administrados em ritmo mais acelerado, o comportamento dos preços em setores oligopolizados, uma TR negativa que levou fatalmente a certo afrouxamento da liquidez.

Contudo a aposta continua válida: acidentes de percurso não comprometem se a rota permanece firme e os pilotos, serenos e determinados em relação ao programa econômico. Não há razão para duvidar da política macroeconômica, em seu objetivo de estabilização, cumpridas as metas fiscais e controlada a expansão monetária.

Ao fim e ao cabo, este governo se esforça por recuperar o crédito. Parece querer de volta o imenso capital político que perdulariamente não conservou. É dever de cidadania, nesses termos, colaborar. Mais do que qualquer pessoa ou instituição, o Brasil bem o merece.

\* Ex-secretário da Fazenda de Minas Gerais e sócio-diretor da Tendência Consultoria.